

AS ANOTAÇÕES DE AULAS DOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS: UM GÊNERO TEXTUAL

Dilcélia Almeida Sampaio (UNEB)
dilcelia.almeida2014@gmail.com

RESUMO

Historicamente associados à literatura, hoje, os gêneros textuais são considerados entidades sociodiscursivas (MARCUSCHI, 2007). Essa perspectiva é que sustenta o fato de as anotações de aulas dos estudantes serem aqui consideradas como gênero textual. As referidas anotações, ao modo de outros gêneros textuais, também remontam ao passado, entretanto parece que vêm se modificando e até se tornando obsoletas. Talvez não se possa marcar o surgimento de uma nova teoria a partir do registro nesse gênero textual, como ocorreu no século XX, com a linguística moderna, cujo início é oficializado a partir das anotações de estudantes ao longo de três séries de conferências de Ferdinand de Saussure (2006). O objetivo do presente trabalho é mostrar como ocorrem as anotações de aulas na atualidade através dos resultados de uma pesquisa qualitativa aleatória com alunos do curso de letras, história, comunicação social, ciências contábeis, direito e engenharia civil, tomando por base os estudos acerca do texto, sobretudo em Luiz Antônio Marcuschi (2007 e 2012 [2008]).

Palavras-chave: Gênero textual. Anotações. Aulas.

1. Introdução

[...] os gêneros são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações diversas, constituindo em princípio listagens abertas. (MARCUSCHI, 2008, p. 155)

A análise dos gêneros, no ocidente, remonta a Platão, no entanto, é com Aristóteles que surge uma teoria mais sistemática, passando por Horácio e Quintiliano, como também pela Idade Média, Renascimento e Modernidade, até hoje. (MARCUSCHI, 2008)

Os gêneros textuais se constituem em textos que exercem uma função social específica, ou seja, ocorrem em situações cotidianas de comunicação e apresentam uma intenção comunicativa bem definida. Esses textos se adequam ao uso que se faz deles, principalmente, ao objetivo do texto, ao emissor e ao receptor da mensagem e ao contexto em que se realiza. Embora os diferentes gêneros textuais apresentem estruturas específicas, com características próprias, é importante que os concebamos como flexíveis e adaptáveis, ou seja, que não definamos a sua estru-

tura como fixa. Além disso, pelo fato de os gêneros textuais possuírem transmutabilidade, uma vez que é possível o surgimento de novos gêneros a partir dos já existentes para responder a novas necessidades de comunicação, eles não formam um conjunto “finito”, sendo adaptáveis e constantemente inovados.

Nessa perspectiva, este artigo é apresentado com o objetivo de mostrar as especificidades de forma das anotações de aula, como gênero textual, em diferentes cursos da graduação. O texto está fundamentado basicamente em Mikhail Bakhtin (2010 [1979]), Luiz Antônio Marcuschi (2007 e 2012 [2008]), Charles Bazerman (2005). Na pesquisa aplicada, foi realizada pesquisa qualitativa aleatória através de entrevistas com estudantes de graduação dos cursos de letras, história, comunicação social, ciências contábeis, direito e engenharia civil.

2. Os gêneros textuais e suas manifestações

No Brasil, o tema *gêneros textuais* entrou em cena, oficialmente, a partir da implementação dos *Parâmetros Curriculares Nacionais*, em 1998, um documento de orientação materialista histórico-dialética e marxista, na mesma perspectiva da maioria das teorias e práticas em educação.

Vale lembrar a colocação de Mikhail Bakhtin (2010 [1992], p. 261), quando afirma: “O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais ou escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo de atividade humana”. Esse mesmo teórico, denomina gêneros do discurso como os tipos relativamente estáveis de enunciados que cada campo de utilização da língua elabora.

Nessa mesma linha, Luiz Antônio Marcuschi (2007) toma como pressuposto básico ser impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero, do mesmo modo que não se consegue essa comunicação verbal a não ser por algum texto, portanto a comunicação verbal somente acontece através de algum *gênero textual*. Todos os gêneros têm uma forma e uma função, bem como um estilo e um conteúdo, mas sua determinação se dá basicamente pela função e não pela forma. (MARCUSCHI, 2008)

Magda Soares (2006), ao tratar do letramento, utiliza o termo *gênero* no mesmo sentido que é atribuído por Mikhail Bakhtin (2010 [1992], p. 262 “[...] cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos*

relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso”.

Nesse sentido, a autora estabeleceu três gêneros para três diferentes condições discursivas: (i) um texto informativo produzido para o leitor-professor, em que *letramento* aparece no gênero *verbete*; (ii) um texto produzido para o professor-leitor-estudante, que procura provocar e orientar a reflexão do professor, empregando *letramento* no gênero *texto didático*; (iii) e um texto destinado a profissionais responsáveis por avaliar e medir letramento e alfabetização, utilizando o tema *letramento* no gênero *texto didático*.

Charles Bazerman (2005) diz que cada texto bem-sucedido cria para seus leitores um *fato social*. Os fatos sociais se manifestam em *atos de fala*, os quais se realizam através de formas textuais padronizadas, típicas e inteligíveis, que se constituem nos gêneros e estão relacionadas a outros textos e gêneros que ocorrem em circunstâncias equivalentes. Formam, assim, um conjunto de *gêneros*, que integram os *sistemas de gêneros*, inseridos nos *sistemas de atividades humanas*. O autor traz os vários gêneros produzidos por um professor em determinada disciplina, como, por exemplo, exercícios escritos, anotações pessoais sobre leituras, anotações para suas aulas e planos de aula; ressalta, por outro lado, que as produções de gêneros textuais por parte dos alunos se apresentam de maneira diferente, consistindo em anotações sobre o que foi dito nas palestras e nas aulas, anotações sobre as leituras, questionamentos e comentários para o professor e/ou colegas de turma por e-mail, entre outros.

Esses gêneros comumente aparecem *fixados* em um suporte físico ou virtual que lhe serve de base, embora esse suporte raramente determine a caracterização de um gênero, como um breve texto que, dependendo do suporte físico, poderá ser um bilhete, um recado ou um telegrama. (MARCUSCHI, 2008)

Luiz Antônio Marcuschi (2008) elaborou um quadro geral de distribuição dos gêneros da oralidade e escrita, inseridos nos respectivos domínios discursivos, lembrando que muitos gêneros são comuns a vários domínios. No presente trabalho, é feito um recorte do referido quadro, para apresentar apenas a parte que se refere ao domínio discursivo instrucional – científico, acadêmico e educacional, no qual se insere o gênero *anotações de aulas*.

Domínio Discursivo	Modalidade da Língua - Escrita
Instrucional (científico, acadêmico e educacional)	Artigos científicos; verbetes de dicionário; relatórios científicos; notas de aula ; diários de campo; teses; dissertações; monografias; glossário; artigos de divulgação científica; tabelas; mapas; gráficos; resumos de artigos, de livros e de conferências; resenhas; comentários; epígrafe, entre outros.

Quadro 1: Gêneros textuais por domínio discursivo
(Adaptado de MARCUSCHI, 2008, p. 194)

3. *Pesquisa em campo*

Em períodos anteriores às novas tecnologias, os estudantes costumavam anotar a fala do professor em todos os momentos. Vale lembrar que, no passado, as aulas eram predominantemente expositivas e os professores discorriam todo o conteúdo numa oratória, complementando com registros no então chamado “quadro-negro”.

Essas produções se constituem em gênero textual e se inserem no domínio discursivo instrucional educacional, na modalidade de uso da língua escrita, como bem as situou Luiz Antônio Marcuschi (2008) em seu quadro, *Gêneros textuais por domínios discursivos e modalidades*.

Conforme já foi descrito anteriormente, realizou-se uma pesquisa qualitativa aleatória com alunos da graduação, já que “em tese” todos os discentes anotam de alguma maneira o desenvolvimento do conteúdo das aulas. Nesse sentido, foram entrevistados dois alunos de cada curso de graduação que compareceram, no período da pesquisa, ao NUPE-DCHI (Núcleo de Pesquisa e Extensão do Departamento de Ciências Humanas – Campus I – UNEB): letras, história, comunicação social, ciências contábeis, direito e engenharia civil.

Embora sejam cursos da graduação e funcionem no mesmo espaço, o Departamento de Ciências Humanas, esses cursos se enquadram em áreas diferentes do conhecimento humano.

Foram entrevistados dois estudantes de cada curso. Os estudantes de letras vernáculas e os estudantes de direito relataram que fazem anotações esquemáticas, com raras exceções. Já os estudantes de licenciatura em história informaram que registram detalhadamente a fala do professor em textos discursivos, seguidos de comentários. Os estudantes de comunicação social dão preferência à cópia eletrônica dos slides, ou não realizam registros e optam por ler o conteúdo diretamente nos livros, enquanto os estudantes de engenharia civil optam por copiar eletronicamente os

slides do professor. Por sua vez, os estudantes de ciências contábeis disseram que apenas um ou dois alunos costumam anotar todo o conteúdo apresentado pelo professor e os demais fazem cópias xerográficas, o que corrobora os resultados da pesquisa de Eliana Melo Machado Moraes (2005), cujo objeto de estudo se concentrou nas anotações dos estudantes em sala de aula, consideradas como gênero discursivo na perspectiva de Mikhail Bakhtin (2010 [1992]); naquela pesquisa, a doutoranda observou a trajetória dos registros de aulas desde a 7ª série do ensino fundamental³³, passando pelo ensino médio, pela graduação, até a pós-graduação. Essa pesquisadora concluiu que estudar a anotação como um gênero requer olhá-la em seu processo de produção e não como um produto, considerando a anotação escolar como gênero secundário, já que é produzida por alunos numa dada situação discursiva, que no caso estudado, é a sala da aula.

Os resultados da presente pesquisa mostram que os estudantes do curso de história foram os que demonstraram maior interesse em registrar os conteúdos das aulas, acompanhados de comentários, não por acaso, o curso que forma profissionais com tendência acentuada à criticidade.

4. Conclusão

A pesquisa bibliográfica realizada, associada à pesquisa em campo através de entrevistas, confirmaram a hipótese de que o gênero textual *anotações de aulas* não desapareceu, apenas se modificou, à maneira de outros gêneros textuais, para atender às especificidades da vida moderna permeada das novas tecnologias. Nesse contexto, foi constatado que os estudantes de graduação realizam o registro das aulas de maneira diferente em cada curso e/ou área, atendendo aos objetivos e características próprias de cada área do conhecimento. O fato de os gêneros se constituírem em ações sociocomunicativas explica sua tramitação ao longo da história e até no mesmo gênero, privilegiando a natureza funcional e interativa e não o aspecto formal e estrutural da língua. (MARCUSCHI, 2007)

Enfim, como os gêneros não são estáticos, ao modo da linguagem, mudam para acompanhar as atividades humanas.

³³ Para ser fiel ao texto citado, aqui está sendo adotada a nomenclatura anterior às reformas da legislação educacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Estética da criação verbal*. Trad.: Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- BAZERMAN, Charles. Gêneros textuais, tipificação e interação. DIONÍSIO, Ângela Paiva; HOFFNAGEL, Judith Chambliss. (Orgs.). Rev. técnica: Ana Regina Vieira et al. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- BRASIL. Ministério de Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio: linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília: MEC/SEMTEC, 1999.
- BRONCKART, Jean-Paul. *Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo*. São Paulo: Educ. 1999.
- KUHN, Thomas Samuel. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. 1. ed. 5. reimpr. São Paulo: Parábola, 2012.
- _____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). (Orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 19-36.
- MILLER, Carolyn. Estudos sobre gênero textual, agência e tecnologia. In: DIONÍSIO, Ana Paiva; HOFFNAGEL, Judith Chambliss. (Orgs.). *Estudos sobre gênero textual, agência e tecnologia de Carolyn R. Miller*. Recife: UFPE, 2009.
- MORAES, Eliana Melo Machado. *Anotações de aulas: contribuições para a caracterização de um gênero discursivo e de sua apropriação escolar*. 2005. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. ed. 11. reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.